

A INTERVENÇÃO DA DIVINA FONTE DA VIDA

Convidadas a contribuir para a reflexão do enunciado “A Divina Fonte da Vida nos impulsiona viver a itinerância, e nos convoca a ver ouvir, sentir e acolher o gemido dos pobres, o grito da terra ferida, o clamor pela justiça e pela paz” (cf. Ex 3,7-8). Do ponto de vista social, começamos pontuando alguns elementos sobre a conjuntura, a complexa realidade em que devemos provocar as mudanças. Esta é uma tentativa de nos situarmos no mundo em que vivemos. Para tanto, partimos da premissa que o problema da desigualdade e da pobreza extrema, que hoje atinge mais de 187 países, incluindo o Brasil, a índices lastimáveis de Desenvolvimento Humano, é estrutural.

Como mulheres franciscarianas, somos desafiadas a viver a itinerância em fraternidade/irmandade num mundo em movimento. Como Jesus “Caminho, Verdade e Vida”, devemos nos colocar a caminho, ir ao encontro dos homens e mulheres, nessa conjuntura de rápidas e profundas mudanças sociais, econômicas, políticas, ambientais e culturais.

Diante das complexas e rápidas mudanças, um dos desafios é decifrar os mecanismos de exploração político-econômico-sócio-cultural, usados pelo sistema capitalista e, por outro lado, identificar os movimentos de enfrentamento e de resistência na construção de alternativas, e nos unirmos num processo de construção e vivência coletiva de um novo paradigma.

Da mesma forma, devemos atentar para as novas propostas de enfrentamento das velhas questões, considerando que as expressões da questão social na sociedade contemporânea, se apresentam de formas multifacetadas. A ideologia neoliberal tenta nos confundir, aludindo novos discursos, sugerindo novos problemas e configurando novas saídas. Segundo o pensamento marxista, a raiz de toda opressão e desigualdade social encontra-se nas relações de exploração capital/trabalho. O que muda em cada fase do sistema são os modos de operar os mecanismos de exploração.

Nos últimos quarenta anos, o mundo presenciou muitos acontecimentos que ocasionaram profundas transformações e, ainda hoje, produzem efeitos e consequências diversos. Exemplo: a queda do Muro de Berlim em 1989, desencadeando um discurso sobre o fim do socialismo, a desintegração da União Soviética em dezembro de 1991 e seu desdobramento em novos estados soberanos, a formação de blocos econômicos regionais como União Européia, Nafta, Mercosul, dentre outros, o rápido crescimento econômico de alguns países asiáticos a exemplo do Japão, Taiwan, China, etc. Tudo isso, associado ao fortalecimento do capitalismo por meio da política neoliberal, vai gerando as novas configurações que põem em evidência feições políticas, econômicas, sociais e culturais, que em pouco tempo alcançam o mundo.

Assiste-se, concomitantemente a tais mudanças, o crescimento de um capitalismo global e a imposição de uma nova ordem mundial. Estamos, em um curto período de tempo, diante do impacto da chamada Terceira Revolução, a tecnológica, em que os circuitos digitais permitem um alto nível de abstração da linguagem.

É o mundo em movimento, onde as mudanças se processam como nunca antes na história. Nós não conseguimos acompanhar e vivemos em um mundo que não mais compreendemos. É o chamado “mundo líquido”, onde há dificuldades em separar o que é importante e significativo do que é supérfluo e vazio; assistimos a luta da humanidade na busca desenfreada por sentido, por identidade.

No mundo do trabalho, tais mudanças se fazem sentir nas relações contratuais flexibilizadas entre capitalistas e trabalhadores, no deslocamento de capitais de um país para outro e, com isso, a economia passa a desenvolver-se em escala mundial, de sorte que a noção de fronteira geográfica clássica se torna obsoleta. Neste contexto, o Estado se internacionaliza mediante processos de integração regional e celebração de tratados de livre comércio. As atividades produtivas se fragmentam e se espalham por vários países e mesmo por continentes, permitindo às corporações multinacionais distribuir seus investimentos por diferentes territórios, onde a legislação lhes seja mais favorável. A despeito da estabilização das macroeconomias e da redução da presença do Estado no campo econômico, resulta obrigação da adoção de ajustes estruturais e privatizações.

Por conseguinte, aflora também de forma global, as expressões das desigualdades sociais com clivagens de classe, gênero, étnico-raciais, geracionais que fazem da *questão social* um fenômeno complexo e multifacetado, produzidas e reproduzidas na dinâmica contraditória das relações sociais no atual estágio do capitalismo.

O agravamento da *questão social* é produto do amplo processo de mudanças nas relações de trabalho indissociável da responsabilidade pública dos governos de garantir trânsito livre para o capital especulativo, transferindo lucros e salários do âmbito da produção para a esfera da valorização financeira. Tudo isso, em detrimento da imensa parcela de humanidade de “gente explorada, enganada, iludida, massacrada, gente andarilhando por aí, à procura de um sítio onde parar, trabalhar, descansar o corpo, dormir, sobreviver” (Yazbek apud Freire, 1988, 7). Gente que fica à espera em longas filas “para receber os benefícios: uma cesta “um saco de leite, uma consulta, um lugar no ônibus para ir ou voltar do trabalho, para obter um documento, para conseguir um emprego, reivindicar um direito” (Yazbek, 2012, p. 5), bem como das conquistas históricas asseguradas pela luta da classe trabalhadora e movimentos populares.



Como forma de enfrentamento e resistência à ação hegemônica do capitalismo no mundo, encontra-se o movimento de resistência contra a globalização neoliberal que tem hoje a sua melhor expressão no Fórum Social Mundial. Ali, são alimentados os sinais de esperança de que um “outro mundo é possível”. Ao contrário da governação hegemônica neoliberal, este movimento assenta na ideia de conflito e da luta contra a exclusão social.

Neste contexto social em que estamos inseridas, nos perguntamos: Como “viver na itinerância, ver, ouvir, sentir e acolher o gemido dos pobres, o grito da terra ferida, o clamor pela justiça e pela paz”? Sentir como sua, a dor daqueles e daquelas que sofrem por que lhes foi tirado o Direito de uma Vida Humana Digna? Ver, ouvir, sentir e acolher a nossa própria impotência frente à realidade dos pobres sem nome, sem nacionalidade. O que podemos fazer coletivamente para ir além do “não posso ou não consigo”?

Frente ao exposto, cultivamos convicções de que ações individuais já não são suficientes, mesmo que importantes. É incontestável a necessidade de somarmos forças na construção de projetos comuns com grupos que continuam movidos pela esperança na transformação social. Historicamente nossas reflexões têm nos impulsionado a interagir nas comunidades eclesiais, na educação formal, nos movimentos sociais: Economia Solidária, Direitos Humanos, Movimentos de Mulheres, Meio Ambiente, Justiça Socioambiental, etc.

A “Intervenção da Divina Fonte da Vida” se realiza somente através da intervenção humana, e nos convida à itinerância nesse mundo ferido. Com uma forma de vida flexível, que nos permite viver nas regiões mais isoladas, somos convidadas a continuar dando novo significado à nossa missão, indo ao povo, escutando-o falar, sentindo as suas dores como nossas e junto com o povo encontrando novos caminhos, conforme nossas Constituições Gerais 29, 30 e 35. Esta que como “Forma de Vida”, nos convoca a viver no meio do povo, identificando-nos com suas lutas e necessidades e com esses buscarmos caminhos alternativos de inserção na sociedade. E quando não conseguimos fazer mais nada, quando todos os recursos acabaram, resta-nos ainda a compaixão, a ternura o sentir com, e acolher o humano que está à nossa frente e quer uma resposta humana de acolhida ou de um ouvido que possa escutar.

Embora estejamos no “mundo líquido”, mantemos valores inegociáveis e, portando, elementos de solidez geradores de possibilidades. Entre eles está a nossa diaconia - educação e catequese - nos diversos níveis, que traduzimos em educação formal e educação/formação para a fé e cidadania. Diaconia esta comprometida com a luta por direitos no Brasil e Além-fronteiras. Através dela buscamos praticar uma pedagogia libertadora, conhecendo, respeitando e valorizando as diferentes culturas, por meio de um diálogo de mútuo aprendizado e recíproca evangelização, favorecendo o ecumenismo e o diálogo inter-religioso. E, em atitude de discernimento, assumimos as ações que melhor atendam à realidade (CCGG 34 e 35).

Assim, somos um grupo de mulheres que se sente enviado a “colocar-se a serviço da vida, para que as pessoas possam reconquistar a própria dignidade” (CCGG 37). Colaborando, dessa forma, para que os pobres, os marginalizados e os excluídos, político-socioeconômico e culturalmente, se empoderem e construam coletivamente a nova sociedade.



No mundo individualista e desagregador da condição humana, a nossa presença pode ser ainda agregadora e unificadora. Somos convidadas, por meio dessa presença a conscientizar, contribuindo na superação da visão fragmentada e distorcida da realidade.

Nossa presença de mulheres consagradas pode contribuir na discussão de novas relações de poder na sociedade, na família e na Igreja. Nossa presença de ouvintes atentas possibilita escutar o gemido dos pobres e somar com os movimentos que buscam a superação das desigualdades sociais, políticas e econômicas. Somos desafiadas a superar o nosso próprio individualismo e estabelecer relações novas de cuidado com a vida e com o meio ambiente, mobilizando a formação da comunidade, ou seja, a união em torno do que é comum, a coesão solidária que possibilita o despertar do protagonismo pessoal e grupal. Desafio não apenas nosso, mas dos diversos grupos, movimentos sociais, pastorais e da sociedade num todo.

Irmãs: Lindalva Alves Cruz (lindasorella@hotmail.com)

Eva Terezinha dos Santos (evadalberte@yahoo.com.br)

Enedir Rosa Corrêa (correaenedir@hotmail.com)

Elizabete Maria da Silva (dasilvabete@yahoo.com.br)